

ISSN 0104-1886

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS
CADERNOS DO I. L.

Nº 14

DEZEMBRO DE 1995

Para o homem das sociedades arcaicas, o tempo se mostra diferente daquilo que representa para o homem das sociedades modernas. Para o primeiro, segundo Mircea Eliade¹, o tempo não se mostra nem homogêneo nem contínuo. Introduzidos na duração temporal profana, onde se encontram os atos sem valor religioso, existem períodos de tempo sagrado, isto é, o tempo das festas, o tempo dos rituais. No intervalo entre essas duas classes de tempo, existe uma continuidade, mas o homem tende a eliminá-la através de rituais próprios, procurando sempre ultrapassar a duração temporal profana - rejeitando viver no que, para os modernos, se chama presente histórico - e atingir o tempo sagrado, que é reatualizado no momento das festas.

O tempo sagrado caracteriza-se por sua natureza reversível, sendo compreendido como um tempo mítico e primordial tornado presente. Ele é recuperável, e pode-se dizer que é um tempo que não transcorre, que é sempre igual a si mesmo, não se esgotando. A cada festa ou ritual periódico, o tempo sagrado, que naquele momento se manifesta, é o mesmo do ano anterior ou do século anterior; isto é, se faz presente ali a primeira aparição do tempo sagrado, tal como aconteceu *in illo tempore*. Este tempo é o mesmo da criação do mundo, que se deu por um ato divino. Como é sabido, as sociedades arcaicas estruturam-se, frente ao tempo, tomando como referência um passado muito anterior, quando elas foram geradas por atos divinos. Mas anterior à sua criação deu-se a criação do mundo, da qual elas tomaram conhecimento através dos mitos.

Quanto ao homem das sociedades modernas, Eliade diz ser difícil precisar o que o tempo significa para ele; entretanto, ressalta que este tempo também sofre uma descontinuidade e que não é sempre homogêneo. Excluído do tempo do trabalho, do seu cotidiano, existe o tempo das festividades, que, juntamente com os outros bons momentos de sua vida,

* Professora do Setor de Letras Clássicas do DECLAVE

¹ Para tratar do tempo mítico, baseei-me nas seguintes obras de Mircea Eliade: *O sagrado e o profano*. Lisboa: Livros do Brasil, s.d.; *Mito e realidade*. São Paulo: Perspectiva, 1972; *O mito do eterno retorno*. Lisboa: Edições 70, s.d.; *Tratado de história das religiões*. Lisboa: Cosmos, 1977.

possui um ritmo diferente daquele do dia-a-dia. No entanto, é importante salientar que estes períodos ainda fazem parte da duração temporal, o que não acontece com os intervalos de tempo sagrado para o homem das sociedades arcaicas. Vejamos o que diz Eliade:

“... em relação ao homem religioso, existe uma diferença essencial: este último conhece intervalos que são ‘sagrados’, que não participam da duração temporal que os precede e os segue, que têm um estrutura de todo diferente e uma outra ‘origem’, porque é um tempo primordial, santificado pelos deuses e susceptível de ser tornado presente pela festa. Para o homem não-religioso esta qualidade trans-humana do tempo litúrgico é inacessível. Isto é o mesmo que dizer que para o homem não-religioso o Tempo não pode apresentar nem rotura, nem ‘mistério’: o Tempo constitui a mais profunda dimensão existencial do homem, está ligado à sua própria existência, portanto tem um começo e um fim, que é a morte, o aniquilamento da existência. Seja qual for a multiplicidade dos ritmos temporais que experimenta as suas diferentes intensidades, o homem não-religioso sabe que se trata sempre de uma experiência humana, onde nenhuma presença divina se pode inserir.

Para o homem religioso, pelo contrário, a duração temporal profana é susceptível de ser ‘parada’ periodicamente pela inserção, por meio dos ritos, de um tempo sagrado, não-histórico (neste sentido que ele não pertence ao presente histórico)”²

Como se pode perceber, na consciência do homem “não-religioso”, predomina a noção de irreversibilidade do tempo. Ao contrário, na consciência do homem “religioso”, o mais importante é a noção de fim e recomeço, de degradação e de regeneração periódicas. É através dos ritos que se dá essa renovação, pois eles têm como função manter a permanência da sociedade e de seus membros, garantindo-lhes a morte e o renascimento pela repetição e reatualização constantes do ato cosmogônico primordial.

Como exemplo, cito os rituais de renovação por ocasião do Ano Novo. A cada princípio de um novo ano, dentro de uma concepção mítica, é reiterada a idéia da cosmogonia, da recriação do mundo e da criação de um novo tempo. O mais importante é a concepção de fim e de recomeço de um período de tempo, levando a uma renovação periódica da vida.

² ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano*. Lisboa: Livros do Brasil, s.d. p.83-4.

Essa renovação, que implica um novo nascimento, leva a comunidade a restaurar o tempo mítico e primordial, o tempo “puro” e o instante da Criação, como ressalta Eliade³. O Ano Novo simboliza sempre uma procura do tempo a partir de seu começo e, mais do que tudo, a repetição da cosmogonia.

Salienta ainda Eliade que as cerimônias de Ano Novo variam de civilização para civilização. Em algumas sociedades, predominam as cerimônias de extinção e reanimação do fogo; noutras, a ênfase se dá na expulsão dos demônios e das doenças, e em outras ainda, há a expulsão do bode expiatório, que pode estar sob a forma animal ou humana. Mas o mais relevante dentro de todo esse cerimonial, seja ele de que tipo for, é a idéia de fim de um determinado período de tempo e de começo de outro, isto é, a idéia de eliminação total do tempo decorrido, visto que tudo que havia existido e acontecido durante aquele período deixa de existir.

Diversa é a concepção de Ano Novo para o homem das sociedades modernas. Apesar de continuar repetindo as estruturas dos mitos e ritos, as experiências por ele vivenciadas não possuem o caráter de sacralidade, próprio do homem “religioso”. O Ano Novo, ritual preservado em nossa sociedade, conserva a sua idéia de fim de um determinado período e de recomeço de uma vida nova. Entretanto, falta a esse cerimonial aquilo que para o homem das sociedades arcaicas era o essencial: a presença de elemento sagrado e a crença na abolição total do tempo decorrido. O homem moderno crê no recomeço de uma nova vida a cada ano, mas não na eliminação de tudo aquilo que fez parte de sua existência no período anterior. Conseqüentemente, esse ritual nada mais é do que um prolongamento artificial de uma tradição.

Como se observa, a concepção de Ano Novo, para o pensamento mítico, está intimamente relacionada com o retorno anual ao Caos, seguido de uma nova criação. Têm função idêntica os ritos ligados à imersão na água. Retomando o mito do dilúvio - que narra aquele tempo em que a terra e a humanidade foram aniquiladas para depois renascem regeneradas -, o simbolismo da imersão como instrumento de purificação e de regeneração - o batismo -, e todo o simbolismo de reintegração no indistinto e informal - como índices, no plano humano, da morte -, todos

³ _____. *O mito do eterno retorno*. Lisboa: Edições 70, s.d. p.69.

esses ritos reiteram a idéia de um novo nascimento pela água. As águas, conforme salienta Eliade, têm a função de purificação:

“... na água, tudo se ‘dissolve’, toda a ‘forma’ se desintegra, toda a ‘história’ é abolida; nada do que anteriormente existiu subsiste após uma imersão na água, nenhum perfil, nenhum ‘sinal’, nenhum ‘acontecimento’... Desintegrando toda a forma e abolindo toda a história, as águas possuem esta virtude de purificação, de regeneração e de renascimento, porque o que é mergulhado nela ‘morre’ e, erguendo-se das águas, é semelhante a uma criança sem pecados e sem ‘história’, capaz de receber uma nova revelação e de começar uma nova vida ‘limpa’”⁴.

A função das cerimônias do Ano Novo ou daquelas que imitam o dilúvio é, como se pode ver, restaurar de tempos em tempos, para as comunidades a elas ligadas, a plenitude ontológica, através da força dos ritos, aproximando-as dos poderes divinos, dos quais se achavam distanciadas.

Pode-se retomar o tempo sagrado através do “retorno às origens”, também estreitamente ligado, dentro de uma estrutura mítica, à categoria de tempo.

Segundo Eliade⁵, na crença do retorno às origens o importante é a idéia de primeira manifestação de algo e não a sua permanência através das gerações, já que o tempo “forte” é o tempo da origem, pois nele se deu a “nova criação”. O retorno às origens faz com que seja revivido aquele tempo em que as coisas se manifestaram pela primeira vez: daí a estreita relação existente entre o mito cosmogônico e os mitos de origem.

Por meio de rituais de reatualização, os acontecimentos narrados pelos mitos levam a coletividade a reencontrar suas fontes e a reviver as suas origens. Paralelamente ao voltar atrás coletivo, encontra-se o retorno individual, que possibilita renovar e regenerar a vida daquele que se propõe a fazê-lo. Essa regeneração e renovação se dá através dos rituais de iniciação, que podem ser, ainda segundo Eliade⁶, de três tipos: os ritos de puberdade, onde o adolescente se torna uma criatura socialmente responsável; o *regressus ad uterum*, que prepara um novo nascimento,

⁴ ELIADE, Mircea. *Tratado de história das religiões*. Lisboa: Cosmos, 1977. p.238.

⁵ ELIADE, Mircea. *Mito e realidade*. São Paulo: Perspectiva, 1972. p.36.

⁶ Idem, ibidem, p.75-6.

não o físico mas o de ordem espiritual; o regresso não-simbólico, onde os mitos relatam as aventuras do herói ou dos mágicos que realizaram o regresso em carne e osso e não simbolicamente.

O retorno às origens, seja ele atingido de uma ou de outra forma, tem como meta final a anulação do tempo e a recuperação do passado.

A anulação do tempo está diretamente ligada à obtenção de saúde e de juventude, já que o “voltar atrás” permite recomeçar a existência com as suas virtualidades intactas.

A recuperação do passado pode se dar através de duas categorias técnicas: a psicanálise e os métodos arcaicos e orientais de retorno às origens. Dentro da segunda categoria, o voltar atrás pode ser conseguido através de uma reintegração rápida e direta na situação primeira (Caos ou momento da Criação), ou através de retorno gradual à origem, voltando no tempo, a partir de um momento presente, até o que se chama de “começo absoluto”.

O retorno progressivo às origens faz uso da memória, elemento fundamental, já que todos os fatos históricos e pessoais devem ser lembrados em seus mínimos detalhes, para que, ao revivê-los, haja a possibilidade de aboli-los, de se ficar livre de tudo o que eles representam. Para Eliade,

“o importante é rememorar mesmo os detalhes mais insignificantes da existência (atual ou anterior), pois é somente graças a essa recordação que se chega a ‘queimar’ o passado, a dominá-lo, a impedir que ele intervenha no presente”⁷.

Retomando todas as questões até agora levantadas, pode-se constatar que: 1. os rituais de Ano Novo, com sua concepção de regeneração anual do Cosmos, buscam uma perfeição que se encontra no princípio de todas as coisas; 2. os mitos que retomam o dilúvio, a imersão na água, reiteram a idéia de que o essencial é não o sentido de fim, mas, sim, o de um novo começo; 3. a questão do retorno às origens, que possibilita o conhecimento de todas as coisas, confere ao homem, ao mesmo tempo que o conhecimento, o domínio sobre essas coisas, possibilitando que elas possam ser retomadas sempre que se fizer necessário.

⁷ Idem, ibidem, p.82.

Em síntese, o tempo, para o homem das comunidades arcaicas, é circular, reversível, recuperável; uma forma de eterno presente.

Nesse sentido, faz-se importante lembrar o que diz Octavio Paz⁸ num ensaio em que discute a tradição moderna da poesia e onde, apesar de o tema ser completamente distinto do que aqui é discutido, trata com muita perspicácia da questão do tempo antes da Idade Moderna. Relacionando o passado, o presente e o futuro de forma diferente para as comunidades arcaicas e para o homem da sociedade moderna, salienta que, para aquelas, o arquétipo temporal é sempre o passado, não um passado recente, mas aquele que se encontra na origem da origem:

“Como um manancial, este passado de passados flui continuamente, desemboca no presente, confundido com ele, é a única atualidade que realmente conta. A vida social não é histórica, mas ritual; não é feita de mudanças sucessivas, mas consiste na repetição rítmica do passado intemporal. O passado é um arquétipo, e o presente deve se ajustar a esse modelo imutável; além do que, esse passado está sempre presente, já que retorna no rito e na festa. Assim, tanto por ser um modelo continuamente imitado quanto porque o rito o atualiza periodicamente, o passado defende a sociedade da mudança. Duplo caráter desse passado: é um tempo imutável, impermeável às mudanças; não é o que passou uma vez, mas o que está passando sempre: é um presente . . . Insensível à mudança, é por excelência a norma: as coisas devem se passar tal como se passaram nesse passado imemorial”⁹.

Com relação ao homem das sociedades modernas, Paz afirma que, para este, o tempo é portador de mudanças - o tempo é história. Coisas que o homem das sociedades arcaicas tem na conta de falta ou queda, já que as variações e exceções não são a regra, para nós, modernos, são consideradas benéficas. Para o homem moderno, o tempo nunca é repetição, e cada momento, cada instante, é único.

Nesse sentido, se o tempo para o pensamento moderno é história, o homem das sociedades arcaicas se defende dessa história abolindo-a periodicamente através da regeneração do tempo ou atribuindo-lhe

⁸ PAZ, Octávio. A tradição da ruptura. In: _____. *Os filhos do barro*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

⁹ Idem, *ibidem*, p.26-7.

significados meta-históricos, que, coerentemente, integram-se num sistema bem articulado, onde têm, cada um, sua razão de ser.

Tal concepção de tempo é coerente com a sociedade em que esse homem vive. Ao negar qualquer tipo de mudança através da repetição e da circularidade, representadas no movimento do sol, da lua e das estações - a própria natureza -, o homem das sociedades arcaicas reitera a sua relação com o tempo - uma relação que perpetua a estrutura da sua realidade, imitando o modelo fixado *in illo tempore* pelos deuses.

BIBLIOGRAFIA

- ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano*. Lisboa: Livros do Brasil, s.d.
_____. *O mito do eterno retorno*. Lisboa: Edições 70, s.d.
_____. *Tratado de história das religiões*. Lisboa, Cosmos, 1977.
_____. *Mito e realidade*. São Paulo: Perspectiva, 1972.
PAZ, Octavio. *Os filhos do barro*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.